

O SENHOR DOS ANÉIS

Por Matheus de O. Sales

Especial para www.moisesneto.com.br

Com o surgimento da série *O Senhor dos Anéis*, John Ronald Reuel Tolkien liderou uma revolução no mundo da Literatura Universal. Praticamente o criador de um novo estilo literário, de linguagem descritiva e épica, em certos pontos cômica e em outros trágica, Tolkien influenciou com suas histórias jovens e adultos de todo o mundo, fazendo-os viajar em um mundo de magia e aventura, cercado de toda uma mitologia e história própria: a Terra-Média.

Foi na tentativa de explicar um pouco esta fantástica obra e seu autor que iniciei este trabalho, inicialmente para uma apresentação no colégio. Espero ter êxito em meu propósito de descrever tão complexo mundo: o Mundo de Tolkien.

TOLKIEN: UM UNIVERSO

*“Três Anéis para os Reis-Elfos sob este céu,
Sete para os Senhores-Anões em seus rochosos corredores
Nove para os Homens Mortais, fadados ao eterno sono
Um para o Senhor do Escuro em seu escuro trono
Na terra de Modor, onde as sombras se deitam.
Um Anel para a todos governar, Um Anel para encontra-los,
Um Anel para a todos trazer e na escuridão aprisioná-los
Na terra de Modo, onde as sombras se deitam”*

(Poema de abertura de O Senhor dos Anéis)

Falar de Tolkien não é tão fácil quanto parece. Analisar sua obra é quase tão difícil quanto analisar a fundo os entrelaces da Mitologia Grega. Tolkien não só escreveu os seis livros que compõem a série *O Senhor dos Anéis*, sua obra se estende a livros anteriores que narram desde a criação da Terra-Média até as aventuras de um dos personagens de *O Senhor dos Anéis*.

Tolkien iniciou sua obra antes de 1937, com a criação e publicação do livro *O Hobbit*. Tal livro narra as aventuras de Bilbo Bolseiro, representante de uma das raças que povoam a Terra-Média e compreende a sua saída do Condado, local pacato e lar dos hobbits, suas viagens e o achado do Um Anel, peça que teria fundamental importância na saga que viria a seguir.

Não satisfeito com a publicação do livro, Tolkien começou, para sua própria satisfação (como ele diz no livro), a organizar e escrever toda a mitologia que abordava o surgimento do mundo da Terra-Média, o nascimento das diversas raças que povoam tal mundo, sua história e desenvolvimento.

Segundo o próprio Tolkien, este livro serviria de pano de fundo para o surgimento das línguas élficas e para esclarecer alguns pontos que ficaram um tanto obscuros em *O Hobbit*.

A propósito, um bem aplicado parêntese deve ser aberto aqui: Tolkien levou extremamente a sério a criação da Terra-Média. Sabe-se que todas as raças (Anões, Elfos, Humanos, Hobbits, Orcs, Ents, e muitos outros) tinham suas próprias linguagens escritas e faladas e que o próprio Tolkien inventava cada uma dessas línguas **antes** de sequer escrever as histórias.

É notável perceber que, assim como acontece em nosso mundo, na Terra-Média cada grupo de pessoas (organizadas em reinos, aldeias,

idades, etc) tem suas próprias linguagens, culturas, lendas, seus próprios dialetos e costumes, que diferem uns dos outros. Os sempre presentes Apêndices (principalmente os da série *o Senhor dos Anéis*) trazem explicações detalhadas que tratam desde a escrita (e sua evolução), pronúncia das letras (que dependem, inclusive, de que raça o fala; uma espécie de sotaque), genealogias (incluindo nomes, feitos das pessoas ali relatadas, datas de suas mortes, sua importância no desenrolar da saga), explicações sobre os calendários usados pelos hobbits do Condado e o “calendário geral” (usado pelos outros povos), cronologias, entre outras coisas mais.

Um desses Apêndices é dedicado inteiramente às línguas, trazendo toda uma mini-gramática sobre algumas das línguas presentes na estória. O Tengwar, alfabeto escrito que é apresentado como sendo a forma escrita registrada na maioria dos livros da Terra-Média assim como os Angerthas, que é uma escrita um pouco mais rústica, são exibidos no apêndice com “explicações históricas” e seu uso na Terra-Média. O Westron, ou Língua Geral, também merece destaque, trazido pelas explicações sobre a pronúncia das letras e nomes.

A minúcia das explicações é tanta que o leitor chega a se perguntar se tudo o que ali está retratado não é a verdade acontecida em tempos distantes (e se realmente fosse deixaria a maioria dos livros de História no chinelo).

Um bom exemplo disso é o Prólogo existente no primeiro livro de *O Senhor dos Anéis, a Sociedade do Anel*. Informações extensas e detalhadas, e de certa forma enfadonhas, a respeito dos hobbits e seus hábitos e costumes, estão ali relatados. Coisas de certa forma desnecessárias com relação ao desenrolar da saga, como por exemplo as várias “sub-raças” de hobbits e suas diferenças (cor da pele, pés peludos, altura, etc) e até mesmo detalhes sobre o descobrimento, utilização e o principal fabricante da “erva-de-fumo”, planta que os hobbits usam para fumarem cachimbo. Desnecessárias mas que trazem um certo tempero à realidade da estória. A justificativa de Tolkien para essas informações é que “muitos podem desejar desde o início saber mais sobre esse povo notável, uma vez que alguns podem não possuir o primeiro livro”.

O resultado de tanta dedicação em determinar as origens da Terra-Média foi a publicação do livro *Silmarilion*, que narra desde a origem da Terra-Média até os acontecimentos e estórias da Primeira e Segunda Era, dando também uma vista superficial no que ocorre durante *O Hobbit* e *O Senhor dos Anéis*, já no Fim da Terceira Era e começo da Quarta. Este livro dificilmente é encontrado no Brasil (assim como *O Hobbit*).

A série *O Senhor dos Anéis* relata a Terceira Era da Terra-Média e seu apogeu na Guerra do Anel, vista pelos hobbits. A estória gira em torno do Um Anel, aquele encontrado por Bilbo em *O Hobbit*, que é passado

para o seu sobrinho Frodo. Com a ajuda de seus amigos, do poderoso mago Gandalf e de outros personagens que ele encontra no decorrer da estória, Frodo tem a missão de destruir o Um Anel, que caso caia nas mãos do Senhor do Escuro, Sauron, provocará uma Era de trevas, terror e destruição. O único jeito conhecido de destruir o Anel é lançá-lo no abismo da Montanha de Fogo, que para problema dos heróis, se localiza na terra de Modor, lar de Sauron.

Os livros de Tolkien não se encaixam perfeitamente em nenhum dos estilos de época abordados em sala de aula. É bem verdade, no entanto que sua obra guarda certos traços Românticos. Comparando Tolkien com José de Alencar seria como dizer que ambos descrevem ricamente os personagens que aparecem durante o enredo, embora Alencar superestime o personagem (elevando-o, quanto a aparência, a quase um semi-deus grego), enquanto Tolkien não tem o menor constrangimento em dizer que Gandalf mais parece um velho caduco e encarquilhado. Por ter sido escrito em meados do século passado (XX), o estilo de época ao qual a obra de Tolkien pertence é o Pós-Moderno. Percebe-se claramente que o autor trabalha o fantástico e o maravilhoso nesta obra, mas com bastante *verossimilhança*, ou seja, dentro do contexto do livro, o enredo é coerente e possível.

Os seis livros que compõem a série *O Senhor dos Anéis* (editados no Brasil sob a forma de três livros), são sem sombra de dúvida obras primas da Literatura, embora, como todas as coisas que existem entre o céu e a terra, possui seus defeitos. Tolkien, tal qual um talentoso pintor, descreve minuciosamente os cenários, dando quase a impressão de que as folhas douradas dos bosques de Lothlórien brilham em volta do leitor, ou que os tambores de guerra tocados pelos orcs sob Moria, ou mesmo as cornetas de Boromir e Théoden, os gritos dos guerreiros e o cavalgar dos cavalos em direção ao campo de batalha realmente soam como o inferno da guerra, fazendo um ritmo que acompanha o coração do leitor durante as inacreditáveis cenas de batalha. Tal descrição, no entanto, chega a cansar o leitor em certas partes (como na chatíssima estadia de Frodo, Sam, Pippin e Merry na casa de Tom Bombadil, relatada durante um entediante capítulo inteiro e partes de outro), sendo esta a falha mais gritante.

Pequenos detalhes como esses são, no entanto, ricamente recompensados com as vibrantes cenas de perseguição e combate e o constante suspense da estória, que prende o leitor página a página.

Quanto a alguma mensagem oculta no texto, Tolkien deixa bem claro: “quanto a qualquer significado oculto ou ‘mensagem’, na intenção do autor não existem. (...) O motivo principal foi o desejo de um contador de histórias de tentar fazer uma história realmente longa, que prendesse a atenção dos leitores, que os divertisse, que os deliciasse e às vezes, quem sabe, os excitasse ou emocionasse profundamente”

Talvez a maior e pior falha na composição da saga de *O Senhor dos Anéis*, conforme vista pelo próprio autor, seja definida por três simples palavras: “é curto demais”.